

INSÔNIA COM APNEIA DO SONO: UMA NOVA SÍNDROME EM 1973 E EM 2009

CINTIA ZAPPE FIORI; RENATA S. KAMINSKI; DANIELA MASSIERER; CRISTIANE M. CASSOL; LAURA RAHMEIER; MARCIA K. FISCHER; CARLA KOTTWITZ; GUSTAVO ARAUJO; SIMONE K. RITTER; DENIS MARTINEZ

Introdução: Em 1973, Guilleminault descreveu insônia com apneia do sono (AS) como “uma nova síndrome”. A Classificação Internacional dos Distúrbios do Sono menciona AS como causa de insônia. No tratamento da insônia se prescrevem hipnóticos, contra-indicados na AS, sem excluir clinicamente ou por polissonografia (PSG) a existência de AS. **Objetivo:** Estimar a prevalência de AS co-mórbida em indivíduos com insônia. **Materiais e métodos:** Estudaram-se 1156 pacientes que realizaram PSG com queixa principal de insônia. A gravidade da AS foi medida pelo índice de apneia e hipopneia (IAH), calculado como total de apneias e hipopneias por hora de sono. Classificou-se o IAH em: normal quando IAH menor que 5 AH/h; AS leve, IAH de 5 a 14; AS moderada, IAH de 15 a 29; e AS grave, IAH acima de 30. **Resultados e Conclusões:** A média de idade dos pacientes era 48 ± 15 anos; o índice de massa corporal (IMC), $25,4 \pm 4,5$ kg/m²; e o IAH, 12 ± 16 . O uso de hipnóticos ocorria em 75% das mulheres e 65% dos homens. Encontrou-se AS não diagnosticada previamente em 59% dos casos. A AS era grave em 116 (10%). A razão de chance (rc) homens:mulheres para apresentar AS é 2,6 e para AS grave é 3,6. Na regressão logística, sexo masculino (rc=2), idade >45anos (rc=2,3) e IMC >25kg/m² (rc=2,2) predizem IAH >5/h ($r^2=0,15$; significante), mas uso de hipnóticos não, confirmando uso indiscriminado. O modelo para prever IAH maior que 30/h, com sexo masculino (rc=3,4), idade >45anos (rc=2,8) e IMC >25kg/m² (rc=3,9) é mais robusto ($r^2=0,19$; significante). Em mulheres o ponto de corte do IMC é 23kg/m². Seria importante avaliar esses indicadores de risco antes de prescrever hipnóticos a insones. Passados 36 anos, a associação da queixa de insônia com AS permanece negligenciada e ainda pode ser considerada “uma nova síndrome”.